

CREDI-SEM da VASP — o único sem juros.

ZUMBI

Um dia de festa para a liberdade

Intensa e inusitada programação marca, a partir de amanhã, no Rio e em Niterói, o aniversário da morte (em 1695) de Zumbi — um dos comandantes da república negra de Palmares, em Pernambuco. Logo de manhã, na praia do Leblon, próximo ao canal do Jardim de Alá, vários grupos de comunidades negras do Rio, inclusive os moradores da Cruzada São Sebastião, "aprontam um parangolé" com danças, músicas e poesias.

No Centro de Estudos Brasil-África, em São Gonçalo, haverá show, à noite, com os grupos Abolição, Vissungo-Aniceto e Folclórico. Na Universidade Federal Fluminense, vários historiadores discutem, a partir de segunda-feira, as contribuições do negro na formação social brasileira e, no Parque Laje, continua o Ciclo Cultura Negra, com shows, uma exposição de artes plásticas e uma mesa redonda sobre "O negro hoje".

De todos os acontecimentos que registram a morte de Zumbi e fixam o dia de amanhã (20 de novembro) como a verdadeira data de libertação dos povos de ascendência africana no Brasil, o Ciclo Cultura Negra, programado pelo Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN) e pela Escola de Artes Visuais do Parque Laje, é, certamente, o mais importante. segunda-feira se encerra a primeira parte da mostra de artistas plásticos negros (exposição de fotografias, pintura, desenho, esultura e gravura) e começa a segunda parte, que vai até o dia 30.

A programação de shows cobre praticamente o mês todo. Nos dias 12 e 13 se apresentou o grupo Bam-

ba Moleque. Ontem, Dom Filó dirigiu um show de *soul music*. Na quarta-feira o grupo Abolição e o Jogra do CEBA apresentam cantos e danças afro-brasileiras e poemas de autores negros. Na quinta, outro show: Zezé Motta, Macalé, Sônia Santos, Os Tincões, Paulinho da Viola e outros. O último programa, antes do encerramento, é um espetáculo de dança ritualística, "Louvor à Mãe Terra", com Marco Ribeiro e Edifram. Todos estes shows são no Parque Laje, às 21 horas.

O Ciclo Cultura Negra se encerra dia 30, quarta-feira, com uma mesa-redonda quando se discutirá "o negro hoje". Toda a programação do ciclo foi orientada pela professora Lélia Gonzalez, inclusive a

mesa de debates. Propositamente, explica, foram convidados professores, intelectuais e líderes negros que representam diversas correntes de pensamento. Assim, participação do debate Carlos Alberto Medeiros, pesquisador; Clóvis Moura (da USP), Didi e Juana dos Santos, da Bahia; Eduardo de Oliveira e Oliveira, sociólogo de São Paulo; Léa Garcia, atriz; Carlos Antônio da Silva, de Belo Horizonte; José Maria Nunes Pereira (da Cândido Mendes); Nazário Ernesto dos Santos Dias, de Volta Redonda; o sertanista e estudioso Nunes Pereira; Roy Glasgow, professor da UFF; Rubens Gerchman, artista gráfico e diretor da Escola de Artes Visuais; Beatriz Nascimento, historiadora; Rodrigues Alves, pesquisador, e a própria Lélia Gonzalez.

Depois do debate, que começa às 19h30m, será exibido o filme "África Mundo Novo", sobre o Festival da Nigéria. Para Lélia Gonzalez, o ciclo é da maior importância para a afirmação da cultura negra. Pela primeira vez, inclusive, é dado um espaço apenas para artistas plásticos negros apresentarem seus trabalhos. O ciclo encerra seu segundo curso sobre Cultura Negra, um curso voltado, exclusivamente, para a recuperação da história dos povos de origem africana no Brasil e a conscientização da população para a importância do negro na nossa sociedade. A partir destes cursos e de palestras que tem dado com bastante frequência, Lélia está acabando um livro didático sobre a história do negro no Brasil e as manifestações racistas que ainda são comuns hoje. Não é um trabalho teórico, explica, para intelectuais, mas para o maior número de negros para que possam se conscientizar.

Outro ciclo, este apenas de debate, começa segunda-feira na UFF e vai até o dia 26. E a III Semana de Estudos sobre a Contribuição do Negro na Formação Social Brasileira, sempre às 20 horas, na Faculdade de Direito. As palestras serão dadas e debatidas por Carlos Alfredo Hasenbalg, Roy Glasgow, Maria Beatriz Nascimento, Eduardo de Oliveira e Oliveira, José Bonifácio Rodrigues, Michael Turner e Jeanne Berrance de Castro. No último dia, 26, haverá uma mesa-redonda.



Lélia Gonzalez: o 13 de maio em seu devido lugar

Palmares:
a nova data de uma
luta antiga

Também a história dos povos africanos no Brasil começa a ser recuperada. Os fatos e os personagens, como outros fatos e outros personagens de nossa história, já não são vistos mais através do prisma defeituoso dos velhos (alguns novos) livros didáticos. Zumbi dos Palmares e toda a história dos quilombos, para onde fugiam os negros escravos, os índios massacrados pelos colonizadores e mesmo os brancos europeus marginalizados pela estrutura escravocrata têm um significado claro e determinante para um grande número de historiadores que estudam o processo de escravidão e libertação dos negros no Brasil: A data de 13 de maio de 1888 vai sendo, aos poucos, esquecida e a abolição formal da escravatura analisada, cada vez mais, de forma crítica. Para estes historiadores, o 20 de novembro de 1695, quando morre Zumbi, assassinado por um companheiro traidor na maior revolta contra o regime de escravidão no Brasil-Colônia, marca, mais que qualquer outra data, o Dia da Libertação.

Segundo Lélia Gonzalez, Zumbi significa a liberdade e o direito a um lugar na estrutura social em que se vive, na medida em que nela se atua em termos de construção. Para o historiador Orlando Fernandes, Zumbi, além de conduzir a nação palmarina nos aspectos guerreiros, teve a sabedoria, herdada dos ancestrais africanos, de dirigir seu povo na construção de uma nova sociedade dentro do Brasil, sociedade fundada nos princípios da igualdade, da cooperação, da solidariedade humana.

Os poucos dados históricos que temos indicam que Palmares surge no final do século XVI, quando grupos de escravos se revoltam e se refugiam nos matagais ao sul da capitania de Pernambuco. Em 1602 já se tem notícias de expedições portuguesas que tentam acabar com a república negra. Em 1654, Palmares tinha 25 mil habitantes distribuídos por 11 povoações, que viviam da policultura (ao contrário dos portugueses e holandeses, que mantinham a monocultura do açúcar para atender ao mercado internacional) e da metalurgia do ferro, manufaturando suas enxadas, foices, facões e flechas. A morte de Zumbi, em 1695, marca, ao mesmo tempo, o fim de Palmares e o começo da libertação dos escravos.